

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO
INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDO E PESQUISA
DO IMAGINÁRIO
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVIII
VOLUME 28
(JAN-JUN)
2018
P. 5-14.

POR UMA ANÁLISE DE GÊNERO DAS FESTAS: O BOI BUMBÁ DE PARINTINS

Caroline Pereira Lealⁱ
Doutora em História – PUC-RS
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RESUMO

Este artigo pretende apresentar uma perspectiva de análise de festas através dos estudos de gênero. Como são construídas, apreendidas e repassadas, que sentidos e significados são edificados para as relações de gênero neste campo de lutas concretas e simbólica, nos momentos de invenção social que podem ser as festividades. Como podemos utilizar o gênero enquanto categoria de análise histórica das festas. Como lócus investigativo situaremos as festas amazônicas, sugerindo, mais precisamente, a festa do Boi Bumbá de Parintins.

Palavras-chave: gênero; festas e Amazônia.

ABSTRACT

This article aims to provide an analytical perspective of parties across gender studies. They are built, seized and transferred, which senses and meanings are constructed to gender relations in the field of concrete and symbolic struggles and moments of social invention that may be the holidays. How can we use gender as a category of historical analysis of the parties. As investigative locus will place the Amazonian parties, suggesting more precisely, the feast of the Boi Bumba Parintins.

Keywords: gender; parties and Amazon.

As manifestações festivas nos propiciam ótimos espaços de análise do social. Quem, quando, por que e como participar de tais festividades? São infinitas as possibilidades de histórias individuais e/ou histórias coletivas. E mais do que isso: elas nos dão acesso ao mundo das relações estabelecidas entre homens e mulheres. Elas nos permitem enxergar a diversidade das atividades práticas e representacionais que compõem esses universos.

Este artigo, portanto, busca propor uma perspectiva de estudo das festas por meio da análise de gênero. Num segundo momento, a fim de que possamos ser mais claros em nossa proposta, apresentaremos uma breve discussão de possibilidades de execução desta apreciação, a partir das festas executadas na Amazônia, especificamente, da festa do Boi Bumbá de Parintins. Não pretendemos com esse artigo oferecer respostas a questionamentos e sim apresentar uma possibilidade de análise da festa de Parintins a partir dos estudos de gênero.

Entendo a festa como um momento em que há “espaços de negociação, de tensões, de conflitos, de alianças e de disputas entre distintos agentes, que se conflitam e se debatem em torno não só dos sentidos e significados a serem dados à festa, como também em torno das práticas que as constituirão dos códigos que as regerão, das regras que estabelecerão permissões e proibições, que definirão limites e fronteiras entre o que pode ser admitido e o que deve ser

excluído”ⁱⁱ. São, além disso, “campos de luta simbólica, de luta entre projetos, sonhos, utopias e delírios, mas são acima de tudo momento de invenção da vida social, da ordem social e da própria festa e seus agentes”ⁱⁱⁱ.

Assim sendo, queremos saber como são construídas, apreendidas e repassadas as relações de gênero nestes espaços de negociação e conflito, nas festividades. Como as festas podem nos dar acesso a esse lugar comum nem sempre percebido nos dias ordinários, nos permitindo a “invenção da vida social, da ordem social e da própria festa e seus agentes”^{iv}? Que sentidos e significados são construídos para as relações entre homens e mulheres neste campo de lutas simbólicas e, muitas vezes, concretas?

Durante muito tempo, as festas não eram uma temática usual daqueles que pesquisavam o universo de Clio^v. Legadas aos trabalhos de folcloristas e etnógrafos eram vistas como expressões dos costumes e do espírito nacional. Através da análise das festas se buscava desvendar o que seria então a identidade nacional. Gilberto Freyre foi um dos primeiros historiadores que apresentou as festas, mesmo que de forma marginal, em suas obras de interpretação do Brasil, articulando as “diversas dimensões da realidade brasileira na tentativa de dar uma explicação de conjunto sobre a formação de nossa sociedade e por extensão de nossa forma de ser”^{vi}.

Mais recentemente, os historiadores passaram a conceber as festas através da noção

de culturas de classe. Assim, elas são vistas como “manifestações de uma tradição, de culturas tradicionais e, em grande medida, manifestações de rebeldia e resistência à dominação social”^{vii}. O carnaval, por exemplo, é interpretado como um dado da cultura popular, que resiste e estabelece a crítica ao universo da cultura erudita ou da cultura hegemônica.

Espaço em que dominados criam interstícios, carnavalizando os símbolos e conceitos dos dominantes. As festas, assim, nos permitiriam ter acesso ao universo da cultura popular, em contraposição à cultura dominante. É a história vista de baixo, onde por meio deste momento se teria a entrada ao mundo dos não letrados, por exemplo, sobre a vida e populares, negros, mulheres, acessando “práticas e significações do mundo dos dominados”^{viii}.

Em outra vertente de análise, os historiadores da história cultural procuraram enxergar as festividades como “uma forma de discurso, uma maneira de significar, uma forma de produzir, distribuir, fazer circular e se apropriar de sentidos”^{ix}. Ao invés de tradições ou indícios de um determinado tempo, as festas são entendidas como “construções e invenções práticas e discursivas de cada temporalidade na qual elas se deram ou ocorreram e na qual foram nomeadas, instituídas e legitimadas”. Elas são “encenações de novas realidades, de novas identidades, de novas possibilidades de relacionamento e ordenamento do social, elas são momentos privilegiados de simulação da

possibilidade de mundos alternativos, de ordens diversas”^x.

Neste artigo gostaríamos de apresentar uma possibilidade de se analisar as festas através do conceito de gênero. Como salientamos, queremos mostrar que a análise das festividades pode servir para que adentremos neste mundo de lutas concretas e simbólicas, em torno dos princípios, valores, sonhos e planos que regem nossa vida social. Podemos perceber como as festas estruturam e são estruturadas pelas relações de gênero. Joan Scott defende a posição de que a partir do momento em que nós, historiadores, procuramos encontrar as formas pelas quais “o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, elas(es) começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as maneiras particulares e situadas dentro de contextos específicos, pelas quais a política constrói o gênero, e o gênero constrói a política”^{xi}.

Para tanto precisamos definir de que forma compreendemos o conceito de gênero. Partilhamos da definição de Scott, que entende o gênero como o saber a respeito das diferenças sexuais, “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e [...] o primeiro modo de dar significados às relações de poder”^{xii}, pois esse conhecimento funda significados sobre as diferenças corpóreas, sendo primeiro campo por meio do qual o poder é articulado. De acordo com a autora, “as mudanças na organização das

relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um único sentido”^{xiii}. Este processo de construção das relações de gênero pode ser usado para examinar qualquer processo social, como no caso aqui em questão, a festa^{xiv}.

Bourdieu propõe que os gêneros devem ser analisados como “*habitus* sexuados”, ou seja, como a incorporação das disposições culturais do princípio de divisão sexual dominante sobre os agentes sociais, resultado de um extraordinário trabalho coletivo de socialização longa e contínua no qual “as identidades distintivas que a arbitrariedade cultural institui se encarnam em *habitus* claramente diferenciados”^{xv}. As pré-disposições culturais de uma sociedade é que formariam, portanto, o que é ser homem e o que é ser mulher, pois o *habitus*, é o conjunto de disposições culturais incorporadas a partir das estruturas materiais de um determinado período histórico e da posição ocupada pelos diferentes agentes no espaço social, ou seja, “as estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, [que] são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social”^{xvi}. As disposições dos agentes, as estruturas mentais através das quais eles entendem e percebem o mundo social e, por conseguinte, a si mesmos, formariam o que Bourdieu chamou de *habitus*, é a incorporação das estruturas sociais pelos agentes, que passa a guiar sua conduta em sociedade. Segundo Bourdieu,

a divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação^{xvii}.

Desta forma, como a própria Scott ressalta, os “conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social”^{xviii} e as diferenças sobre os corpos são chamadas a “testemunhar as relações sociais e as realidades que não tem nada a ver com a sexualidade”^{xix}.

Como dissemos o conceito de gênero proposto por Scott se articula com a noção de poder. Bourdieu define poder simbólico como “esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem”^{xx}. Segundo esse autor, as mulheres, desde o nascimento, por serem mulheres, são tratadas como objetos cuja função é manter o capital simbólico – especialmente a honra – em poder dos homens. Assim, desde o nascimento, introjetamos construções culturais que evidenciam inúmeras desigualdades e hierarquias, produzindo significados e testemunhando práticas de diferentes gradações. Esse poder simbólico é exercido nas mais diversas instituições e apreendido por nós como algo natural, sendo a dominação masculina

entendida como uma estrutura invariável, necessariamente incorporada por ambos os sexos. O poder simbólico, portanto, é construtor da realidade que conhecemos, ao mesmo passo que também é construído por ela e se eterniza através dos instrumentos de dominação simbólica, como por exemplo, os mitos, as lendas, as ideologias. Muitos são os trabalhos que procuram mostrar a participação das mulheres em determinado festejo ou os lugares destinados a homens e mulheres. Revelar as mulheres enquanto agentes históricos, sua ação específica, na medida em que ocupam seus espaços. Não que isso não seja válido. É - e muito! Nosso objetivo nesse artigo, contudo, é tentar mostrar que, muitas vezes, a própria festividade é ordenada por meio desta luta simbólica que constituem os gêneros^{xxi}. Pois bem, partamos para o caso específico das festas amazonenses.

Na Amazônia existe grande diversidade de festividades: o boi-bumbá, o sairé, o carnaval e outras que estão, estreitamente, ligadas à presença católica na região. Esta tradição nos remete ao tempo em que se intensifica por essas terras a presença portuguesa, dando a colonização impulso ao processo de miscigenação com a população nativa. É nessa época, a partir de 1760, que se dá a “difusão das festas católicas, como as de São Joaquim, no alto Rio Negro”^{xxii}. De acordo com Sérgio Braga, se deve considerar que a igreja católica, tendo sido a responsável pela colonização europeia

portuguesa, influenciou “práticas culturais de índios, negros e brancos da Colônia e do próprio Império, que podem ser apreendidas através do estudo de festas religiosas e populares que foram transportadas de Portugal para a Amazônia”^{xxiii}. O calendário festivo da Amazônia está, assim, intimamente ligado às datas alusivas aos santos católicos.

Ainda segundo o referido autor, se pode “considerar que as festas amazônicas têm influência considerável do catolicismo, embora de alguma forma tenham sido marcadas pela cultura popular da época”^{xxiv}, se referindo à influência da “pajelança indígena e dos cultos nagôs africanos associados aos santos católicos”^{xxv}.

8

Na maior parte dos trabalhos que versam sobre as festividades amazonenses se percebe uma preocupação em se trabalhar questões étnicas e identitárias. A festa do Boi Bumbá de Parintins, por exemplo, sob a ótica de José Maria da Silva, em *Festas e Identidades na Amazônia*, é vista como “um *locus* de experiências apropriadas para se pensar questões sobre identidade na sociedade contemporânea, especialmente a partir do ideal de singularidade e da relação entre local e global, região e nação, entre outras dualidades”^{xxvi}. Outro exemplo é a dissertação de Eglê Betânia Portela, *Çaire: nos rios do imaginário, a construção da identidade cultural*, que estudou a festa de Çairé, em Alter do Chão/PA, a fim de indicar alguns caminhos possíveis para a compreensão do processo de

reinvenção dessa festa, que irá contribuir para construção da identidade cultural Borari^{xxvii}. Em *"Festa dá trabalho!": as múltiplas dimensões do trabalho na organização e produção de grupos folclóricos da cidade de Manaus*, Alvatir Carolino da Silva estudou o ciclo das festas juninas, buscando compreender as múltiplas dimensões do trabalho que permeiam a organização e produção de grupos folclóricos de Manaus^{xxviii}.

Rosângela Gomes da Silva, em estudo sobre a festa do boi bumbá de Parintins, descreveu a história dessa festividade de forma a estar relacionada com tradições culturais e religiosas no Brasil. Em sua exposição ela destacou a presença das mulheres no festejo de Parintins, afirmando que “essa manifestação cultural no passado era manifestação predominantemente masculina, mas nos dias atuais a presença feminina é cada vez maior”^{xxix}.

Pegemos, portanto, esse último exemplo: a festa do Boi Bumbá de Parintins. Sabemos que houve uma mudança na forma de participar da festa de Parintins no que tange aos gêneros. De expressiva participação masculina se passa, gradativamente, a ter cada vez mais mulheres presentes na festa. O que houve em Parintins que tenha motivado essa mudança? Como o festejo do boi bumbá, por exemplo, estruturou e foi estruturado pelas relações de gênero? Como as hierarquias de gênero são construídas e legitimadas através desse festejo?^{xxx}

Joan Scott em seus apontamentos a respeito de utilizarmos o gênero enquanto categoria de análise histórica afirma que ele demanda quatro aspectos fundamentais, a saber: os símbolos, os conceitos normativos, uma noção de política e referências às instituições bem como a organização social e por fim a identidade subjetiva.

As festas são eventos repletos de simbologia, na qual os signos “culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas”^{xxxi} se fazem presentes a todo instante. As representações simbólicas invocadas em seus contextos específicos permitem que percebamos os símbolos de modo dicotômico, antipodal: tais signos estão carregados de juízos de valor e se aplicam, mais comumente, à figura feminina. As mulheres, de acordo com seu comportamento – percebido como adequado ou não em determinado contexto histórico –, são rotuladas como Evas ou Marias, purificadas ou poluídas, inocentes ou corrompidas^{xxxii}.

Nesse sentido, apontado por Scott, podemos observar que, a festa do boi bumbá é repleta de símbolos. A narração de sua história – morte e ressurreição do boi - engloba vários elementos simbólicos. São diversos os personagens que compõem o enredo, como o amo, o dono do boi, Pai Francisco e Mãe Catirina, entre outros. Atualmente, além das personagens tradicionais, outras foram acrescentadas à festa, como, por exemplo, a

Cunha-Poranga, “que significa mulher bonita em Nheengatu ou língua geral, representada por uma bela jovem de tez morena, com o corpo seminado de pluma e penas de diferentes aves [...], com movimentos de dança muitos sensuais”^{xxxiii}. Além de Cunha-Poranga, há as figuras da Sinhazinha da Fazenda, da Rainha do Folclore e da Porto-Estandarte^{xxxiv}. Vemos, portanto, que hoje há uma expressiva participação das mulheres, sendo válido nos fixarmos às representações simbólicas que são invocadas durante o festejo, bem como suas modalidades e o contexto em que isso ocorre^{xxxv}, a fim de que compreendamos como as relações de gênero constroem e são construídas através da festa do boi.

No segundo aspecto fundamental demandado pelo gênero temos os conceitos normativos, que são “expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas”^{xxxvi}. Esses conceitos normativos que “tomam a forma típica de uma oposição binária, que afirma de maneira categórica e sem equívocos o sentido do masculino e do feminino”^{xxxvii}, permitem-nos, ainda, por “em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas”^{xxxviii}, possibilitando-nos enxergar como “a história posterior é escrita como se estas posições normativas fossem produto de um consenso social mais do que um conflito”^{xxxix}. Passados um século do aparecimento dos bois de

Caprichoso e Garantido, quais as mudanças que podemos perceber no que tange aos conceitos normativos? Que tipos de doutrinas passaram a exercer influência no seio daquela sociedade a fim de que se alterasse – se é que se alterou – a interpretação dos símbolos existentes na festa, levando a uma alteração nos lugares do(a)s festeiro(a)s?

São inegáveis as mudanças que ocorreram no último século no que tange às relações entre homens e mulheres. Sobretudo se levarmos em consideração que é a partir da década de 1960 que as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da história. Contudo, mesmo com tais transformações, também é evidente que ainda vivemos sob a ordem de uma visão androcêntrica do mundo, pois, como afirma Bourdieu, todos nós, homens ou mulheres “incorporamos sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação as estruturas históricas de ordem masculina”^{xl}. Esse trabalho de perpetuação da ordem dos gêneros tem sido garantido, segundo Bourdieu, por três instâncias principais: a Família, a Igreja e a Escola. E que, objetivamente orquestradas, tem “em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes”^{xli}. Isto nos leva ao terceiro item apontado por Scott, no que se refere às análises acerca das relações de gênero: não se pode reduzir o uso da categoria ao sistema de parentesco, sendo necessária a inclusão de análises de cunho político “bem como uma referência à

organização social”^{xlii}. Além dessas instituições citadas acima, temos também a presença e o papel do Estado, “que veio reforçar as prescrições e as proscricções do patriarcado privado com as de um patriarcado público, inscrito em todas as instituições encarregadas de gerir e regulamentar a existência quotidiana da unidade doméstica”^{xliii}.

Apesar das inúmeras regras sociais que tem base numa suposta determinação biológica diferencial dos sexos, Scott defende a origem social das próprias identificações de homens e mulheres, suas identidades subjetivas, pois “os homens e as mulheres reais não cumprem sempre os termos de prescrições da sua sociedade ou das nossas categorias de análise”^{xliv}. Desta forma, devemos “examinar as maneiras pelas quais as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais, historicamente situados”^{xlv}. Scott sugere as biografias como uma boa alternativa para se apreender essa construção das identidades individuais. Essa metodologia poderia ser empregada, pesquisando a trajetória de vida de alguns indivíduos que participaram da história da festa do Boi Bumbá de Parintins.

Deste modo, verificamos a possibilidade de se utilizar o gênero enquanto categoria de análise histórica das festas. Apresentamos uma proposta de estudo que utiliza como referencial os caminhos oferecidos por Joan Scott. Existem,

contudo, outros meios e outras interpretações. Desta forma, essas foram apenas algumas reflexões e questionamentos apresentados, não para oferecer respostas, mas sim com o objetivo de provocar e instigar, mostrando que se pode pensar e analisar as festas – no caso a do Boi Bumbá de Parintins – sob a óptica dos estudos de gênero.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ALBERMAZ, Lady Selma Ferreira. “Mulheres e Cultura Popular: Gênero e Classe no Bumba-Meu-Boi do Maranhão”. In: **Maguaré**, n.24, 2010. 11

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar”. In: **Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP**, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Algazarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia (1889-1923)**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

- BRAGA, Sérgio Ivan. “Festas Religiosas e Populares na Amazônia”. In: **A questão social no novo milênio**, Coimbra, 2004.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- COUTO, Edilece Souza. **A Puxada do Mastro: transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença (Ilhéus-BA)**. Ilhéus: Maramata, 2001.
- CUNHA, Maria Clementina P. (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP/Cecult, 2002.
- GONÇALVES, José Artur Teixeira. **Cavalcadas: das lutas medievais às festas no Brasil Colonial**, 1998, Dissertação (Mestrado) Faculdade de Ciências Humanas e Letras, UNESP, Assis - SP, 1998.
- GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- MORAIS Fº, Melo. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Brasília-DF: Senado Federal, 2002.
- NICHOLSON, Linda. “Interpretando o gênero”. In: **Revista Estudos**, v.8, n.2, p. 9-41, 2000.
- PORTELA, Eglê Betânia. **Çaire: nos rios do imaginário, a construção da identidade cultural**. Dissertação (Mestrado), 2002. Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade federal do Amazonas, Manaus, 2002.
- PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SANTOS, Maria Helena C. (Org.). **A festa**. Lisboa: Editora Universitária, 2 v., 1992.
- SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria de análise histórica”. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, jul/dez 1990.
- SILVA, Alvatir Carolino. **"Festa dá trabalho!": as múltiplas dimensões do trabalho na organização e produção de grupos folclóricos da cidade de Manaus**. Dissertação (Mestrado), 2009. Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade federal **12** do Amazonas, Manaus, 2009.
- SILVA, José Maria. “Festas e Identidades na Amazônia”. **Revista Observatório Cultural**. São Paulo, Itaú Cultural, 2013.
- SILVA, Rosângela Gomes da. “A Festa do Boi-Bumbá e a Reprodução da Cultura Popular”. In: **Fragments de cultura**, Goiânia, v. 21, n. 4/6, p. 229-248, abr./jun. 2011.
- STREMEL, Marion Regina. **Anos de glória: a festa de Sant’Ana em Ponta Grossa, 1930-1950**, 1998. Dissertação (Mestrado)– Faculdade de Ciências Humanas e Letras, UNESP, Assis – SP, 1998.

NOTAS

ⁱ Doutora (2013) em História das Sociedades Ibéricas e Americanas (PPGH/PUCRS/CAPES). Possui graduação em História (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004/2005). Mestrado (2008) em História - Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquiso a história do carnaval sob a ótica dos estudos de gênero.

ⁱⁱ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar”. In: **Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP**, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011, p. 147.

ⁱⁱⁱ Ibid., p. 148.

^{iv} Ibid., p. 148.

^v Para uma breve revisão bibliográfica do início dos estudos das festas no Brasil: SANTOS, Maria Helena C. (Org.). **A festa**. Lisboa: Editora Universitária, 2 v., 1992; REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994; ABREU, Martha. **O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999; COUTO, Edilece Souza. **A Puxada do Mastro: transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença (Ilhéus-BA)**. Ilhéus: Maramata, 2001; GONÇALVES, José Artur Teixeira. **Cavalcadas: das lutas medievais às festas no Brasil Colonial**, 1998, Dissertação (Mestrado) Faculdade de Ciências Humanas e Letras, UNESP, Assis - SP, 1998; STREMELE, Marion Regina. **Anos de glória: a festa de Sant’Ana em Ponta Grossa, 1930-1950**, 1998. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas e Letras, UNESP, Assis – SP, 1998; Wlamyra R. de Albuquerque. **Algazarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia (1889-1923)**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1999; MORAIS F^o, Melo. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Brasília-DF: Senado Federal, 2002. CUNHA, Maria Clementina P. (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP/Cecult, 2002.

^{vi} ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Op. Cit., jun. 2011, p. 137.

^{vii} Ibid., p. 140.

^{viii} Ibid., p.141.

^{ix} Ibid., p.146.

^x Ibid., p.145.

^{xi} SCOTT. Joan. “Gênero: uma categoria de análise histórica”. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, jul/dez 1990, p.16.

^{xii} Ibid., p.15.

^{xiii} Ibid., p.15.

^{xiv} Existem outros estudos que aprofundam a discussão sobre o gênero. Judith Butler, por exemplo, desconstruiu o conceito de gênero que parte da premissa que sexo é natural e o gênero é construído. Ao defender a teoria performática, na qual o gênero pode ser entendido como performances sociais, ou seja, palavras e gestos que, ao serem expressos, criam uma realidade, Butler concebe o sexo como um resultado discursivo, cultural, questionando o gênero como uma interpretação cultural do sexo. Aludindo a afirmação de Simone de Beauvoir de que “A gente não nasce mulher, torna-se mulher”, Butler aponta para o fato de que “não há nada em sua explicação que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea” BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, p.27. Já Linda Nicholson, aludi para ideia do “fundacionalismo biológico”, ao criticar a separação de sexo do gênero e considerar o primeiro como essencial para a elaboração do segundo. Para tanto, ele usa o exemplo de crianças hermafroditas, nas quais o médico decide qual o sexo será verdadeiro tendo por base o gênero. NICHOLSON, Linda. “Interpretando o gênero”. In: **Revista Estudos**, v.8, n.2, p. 9-41, 2000.

^{xv} BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p.06.

^{xvi} Ibid., p.158.

^{xvii} Ibid., p.17.

^{xviii} SCOTT., Op. Cit., p.16.

^{xix} Ibid., p.16.

^{xx} BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989, p.08.

^{xxi} Lady Selma Ferreira Albermaz, em seu artigo *Mulheres e Cultura Popular: Gênero e Classe no Bumba Meu Boi do Maranhão*, procurou focar a participação de mulheres no bumba meu boi maranhense, “abordando gênero e classe, bem como algumas questões de raça e geração para perceber as desigualdades recorrentes destes cruzamentos” ALBERMAZ, Lady Selma Ferreira. “Mulheres e Cultura Popular: Gênero e Classe no Bumba-Meu-Boi do Maranhão”. In: **Maguaré**, n.24, 2010, p.71.

^{xxii} GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Cia das Letras, 2011, p.33.

^{xxiii} BRAGA, Sérgio Ivan. “Festas Religiosas e Populares na Amazônia”. In: **A questão social no novo milênio**, Coimbra, 2004, p.10.

^{xxiv} Ibid., p.14.

^{xxv} Ibid., p.14.

^{xxvi} SILVA, José Maria. “Festas e Identidades na Amazônia”. **Revista Observatório Cultural**. São Paulo, Itáú Cultural, 2013, p.118.

^{xxvii} PORTELA, Eglê Betânia. **Çaire: nos rios do imaginário, a construção da identidade cultural**. Dissertação (Mestrado), 2002. Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade federal do Amazonas, Manaus, 2002.

^{xxviii} SILVA, Alvatir Carolino. "**Festa dá trabalho!**": as múltiplas dimensões do trabalho na organização e produção de grupos folclóricos da cidade de Manaus. Dissertação (Mestrado), 2009. Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade federal do Amazonas, Manaus, 2009.

^{xxix} SILVA, Rosângela Gomes da. “A Festa do Boi-Bumbá e a Reprodução da Cultura Popular”. In: **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v. 21, n. 4/6, p. 229-248, abr./jun. 2011, p. 230.

^{xxx} Para uma revisão bibliográfica das produções acadêmicas a respeito do Boi Bumbá e do Festival de Parintins, ver a edição especial da *Revista Somanlu*, v.2 de 2002.

^{xxxi} SCOTT, Op. Cit., p.14.

^{xxxii} Ibid., p.14.

^{xxxiii} BRAGA, Op. Cit., p. 17.

^{xxxiv} Ibid., p.17.

^{xxxv} SCOTT, Op. Cit., p. 14.

^{xxxvi} Ibid., p.14.

^{xxxvii} Ibid., p.14.

^{xxxviii} Ibid., p.14.

^{xxxix} Ibid., p.15.

^{xl} BOURDIEU, Pierre. A dominação... Op. Cti., p.13.

^{xli} Ibid., p.103.

^{xlii} SCOTT, Op. Cit, p.15.

^{xliiii} BOURDIEU, Pierre. A dominação... Op. Cti., p.105.

^{xliv} SCOTT, Op. Cit, p.15.

^{xlv} SCOTT, Op. Cit, p.15.

Recebido em: 18/06/2018.

Aprovado em: 30/07/2018.

Publicado em: 31/08/2018.